

NOVOS DADOS ACERCA DE /#øS\$C/

MARIA CELESTE RODRIGUES
(FLUL e CLUL)

1. Introdução

Esta comunicação tem dois objectivos fundamentais:

1. apresentar novos dados relativos a palavras com a estrutura /#øS\$C/ em posição não acentuada, patente em palavras como *escola* e *espécie*, na sequência de ANDRADE, E. d' e RODRIGUES, C. (1998)¹ (doravante, A & R 1998). Nessa medida será feita uma breve revisão e interpretação dos dados e da análise aí proposta para os dados então apresentados.

2. esclarecer algumas questões de análise das palavras referidas em 1 de acordo com a Teoria da Optimidade usada em A & R 1998, à luz dos novos dados agora apresentados.

1.1 Resumo da variação descrita em A & R 1998

Os dados relativos à estrutura /#øS\$C/ presentes em A & R 1998 indicam que esta estrutura pode admitir, para além de formas sem vogal inicial, as seguintes variantes fonéticas: [i], [ə] e [e], no que respeita ao núcleo da 1ª sílaba. As formas mais frequentes são quase sempre as que não têm vogal. Quando têm, é [i] a variante mais frequente. O padrão de variação deste tipo de palavras é distinguido, nesse trabalho, do das palavras como *isqueiro* ou *experiência*, que admitem outros tipos de realização fonética.

1.1.2 Resumo dos dados apresentados em A & R 1998

Os dados apresentados no trabalho acima indentificado apontam para a influência de vários factores na percentagem de ocorrência das variantes². Considerando os dados de Lisboa e de Braga de forma bruta (ou seja, sem fazer distinções relativas ao tipo de discurso nem ao tipo de informante), observa-se

que existe maior preferência por formas com vogal em Braga do que em Lisboa: 25% versus 5% no que diz respeito a informantes com idades compreendidas entre os 25 e os 40 anos. Tanto em Braga como em Lisboa a variante ¹ é a mais frequente de todas as que têm vogal.

Uma análise mais detalhada dos dados permitiu concluir que o grau de instrução dos informantes, o seu sexo e o tipo de discurso em que ocorrem as palavras também pode ter influência no uso das variantes. Foram tomados em consideração dados de 3 indivíduos por perfil, os dois sexos, dois graus de instrução (instrução obrigatória e licenciatura) e três tipos de discurso (leitura de palavras isoladas (LP), leitura de texto (LT) e discurso informal (DI)). Factores sintácticos e prosódicos não foram avaliados, tal como não foram avaliadas as diferenças entre indivíduos com o mesmo perfil e indivíduos de grupos etários diferentes³.

Contrastados os três tipos de discurso apresentados nesse trabalho, verificou-se que:

- i) os únicos informantes a usarem, exclusivamente, formas sem vogal em LP são os informantes licenciados de Lisboa (homens e mulheres);
- ii) em LP, as formas sem vogal são sempre maioritárias, excepto nos homens de Braga com grau de instrução inferior ao 9º ano;
- iii) as formas em que C, na estrutura, corresponde a uma consoante vozeada são mais frequentemente pronunciadas com vogal do que aquelas em que ela é não-vozeada; Apenas no caso dos licenciados de Lisboa tal não se aplica porque esse tipo de informante usa só formas sem vogal, em LP;
- iv) em Braga, os homens usam mais formas com vogal do que as mulheres, em LP;
- v) em LT, os únicos informantes a usarem, exclusivamente, formas sem vogal são os homens licenciados de Lisboa;
- vi) em Lisboa, as formas com vogal aparecem mais frequentemente nas mulheres menos escolarizadas do que nas licenciadas na LT;
- vii) em Braga, as formas com vogal só não são maioritárias nos homens licenciados, em LT. São cerca de 80% nos homens não licenciados e são, de igual modo, mais altas nas mulheres menos escolarizadas do que nas licenciadas;
- viii) em DI, as formas com vogal são raras, qualquer que seja o tipo de informante de Lisboa;
- ix) em Braga, as formas sem vogal, apesar de maioritárias em DI, alternam com as formas com vogal (sobretudo as com vogal alta). A percentagem de ¹ é mais elevada nos informantes menos escolarizados (e em particular, nos do sexo masculino).

1.1.3 Resumo da importância dos factores na variação

Verifica-se que existe uma relação entre certas características discursivas e dos informantes e a frequência de uso de formas com e sem vogal, em palavras com /#ØS\$C/. Em particular:

- i) Lisboa implica menor frequência de formas com vogal do que Braga;
- ii) Maior instrução implica menor frequência de formas com vogal, em Lisboa e em Braga;
- iii) Em Braga, sexo feminino implica menor frequência de formas com vogal;
- iv) Leitura implica maior frequência de uso de formas com vogal do que DI em Braga e, também, em Lisboa.

Observando em mais detalhe os dados apresentados em A & R 1998 (cf. Quadro I, construído a partir dos dados aí referidos), pode concluir-se, tomando em linha de conta só as percentagens seguras de expressão de vogal no núcleo da 1ª sílaba, que:

- i) O uso de formas com vogal sobe de LP para LT e desce em DI em todos os tipos de informante de Braga;
- ii) Em Lisboa, o uso de formas com vogal é muito baixo em todos os tipos de informante e de texto mas tende a subir ligeiramente em LT, com uma excepção: a das mulheres apenas com a escolaridade obrigatória em LP, cuja percentagem de formas com vogal ronda, estranhamente, os 45%.

Quadro I - Frequência de ocorrência de formas com vogal, por tipo de texto, de L e B da faixa etária 3.

Cidade	Sexo	Instrução	LP	LT	DI
Lisboa	M	Lic ^a	0 %	0 %	0 %
Lisboa	F	Lic ^a	0 %	5 %	2 %
Lisboa	F	< 9 ^o	45 %	17 %	0 %
Braga	M	Lic ^a	41 %	45 %	4 %
Braga	F	Lic ^a	31 %	51 %	8 %
Braga	M	< 9 ^o	55 %	81 %	21 %
Braga	F	< 9 ^o	15 %	54 %	6 %

Hipótese de interpretação para o comportamento referido em ii):

As mulheres menos escolarizadas de Lisboa na LP estão muito atentas e esforçam-se por "ler bem" (atente-se que se trata da 1ª tarefa de leitura a que estão sujeitas na entrevista) e usam vogal no sítio em que a grafia sugere. Quando se apercebem que é difícil manter esse nível de auto-vigilância ao longo de toda a entrevista, relaxam e, por isso, em LT, lêem sem grandes preocupações de correcção o texto apresentado (por vezes, lêem o que lá não está). Em DI, estão

ainda mais à vontade (quase sem controle) e não usam formas com vogal (cf. Quadro D).

Levando em consideração os dados acima referidos, o que parece passar-se é o seguinte: os falantes das duas variedades têm, embora em grau diferente, a intuição de que o tipo de palavras em análise deve possuir uma vogal em posição inicial. Isso corrobora a proposta de representação fonológica apresentada por A & R 1998 porque essa prevê a existência de um núcleo em posição inicial (ou seja antes da fricativa).

A existência de tal intuição leva os falantes a procurar expressar essa vogal sempre que sentem o seu discurso a ser controlado, nomeadamente em situação de leitura em voz alta. Por isso, nas tarefas que cada um julga ser a mais testada (LP, para as mulheres menos escolarizadas de Lisboa, e LT para os restantes informantes), pronunciam mais formas com vogal. Em situação de menor autocontrole, como DI, não pronunciam a vogal, de modo geral.

O valor absoluto do uso em DI está relacionado com o valor absoluto dos outros tipos de discurso: pode descer para 0 nos casos dos informantes de Lisboa que em LT não tinham valores superiores a 17 %; e descer, em Braga, para menos de 5% nos informantes em que havia mais de 50% em LT e para perto dos 20% naqueles em que em LT era mais de 80%.

O padrão de variação apresentado nos três tipos de discurso sugere que:

i) A pronúncia da vogal, ainda que algo valorizada pelas mulheres menos escolarizadas de Lisboa, não aparece senão em situação de muito controle do discurso;

ii) Como os informantes licenciados (sobretudo os homens) são os que menos usam variantes com vogal, é de crer que o prestígio associado à sua expressão não seja muito (deixando a variante sem vogal em posição privilegiada para se assumir como variante de prestígio);

iii) As mulheres de Braga pronunciam menos formas com vogal do que os homens, aproximando-se, portanto, mais da forma mais valorizada: a que não tem vogal e que é usada quase sempre por homens e mulheres licenciados de Lisboa (aquela que, talvez, mais se aproxime da forma padrão);

iv) As mulheres de Braga, comportando-se desta maneira, e as de Lisboa mostrando-se muito sensíveis à pressão posta na LP, estão a comportar-se de acordo com o que das mulheres normalmente é dito: que são muito sensíveis às questões de uso linguístico (nomeadamente na introdução de formas de prestígio) e que correspondem mais depressa do que os homens às pressões exercidas pela variedade de prestígio (ou aquilo que consideram "correcto").

1.2 Resumo da descrição proposta em A & R 1998

As palavras do tipo de *escola* e *espécie* que admitem várias realizações vocálicas em posição inicial, como já foi demonstrado, correspondem

fonologicamente à sequência das seguintes unidades: um núcleo vazio seguido de uma fricativa não especificada quanto a vozeado e ponto de articulação e uma consoante, fazendo as consoantes parte de duas sílabas adjacentes. Como todas fricativas que se encontram em posição final de sílaba em PE, a fricativa desta estrutura será palatal e vozeada ou não-vozeada em função do segmento seguinte.

Usando um pequeno conjunto de restrições de carácter universal, como estipula o modelo teórico utilizado, os autores propõem a seguinte descrição das palavras do tipo de *escola* que permite identificar o 2º candidato como óptimo.

Sk la	ONS-SON	M-INT	DEP-IO
SV.k		*	*
☒ VS.k			*
SK .	*	*	*

Nesta análise os candidatos que têm vogal na posição anterior à fricativa são apenas diferentes possibilidades de preenchimento de núcleos vazios em português. Normalmente surge [], mas, tratando-se de posição inicial, é mais corrente ser [].

As restrições tal como são utilizadas por A & R 1998 são as seguintes (numa formulação simplificada): ONS-SON, CODA-COND, M-INT, DEP-IO e MAX-IO.

i) ONS-SON (*Onset-sonority*)

Deve existir um aumento de sonoridade no ataque da sílaba.

ii) CODA-COND (*Coda Condition*)

A posição de coda só deve ser ocupada por segmentos coronais (/s/ ou uma líquida).

iii) M-INT (*Morpheme Integrity*)

A integridade dos morfemas deve ser preservada.

iv) DEP-IO (*Dependency-Input/Output*)

Não deve haver no *output* segmentos ausentes do input.

v) MAX-IO (*Maximal relation Input/Output*)

Os segmentos do input tem de estar presentes no output.

Segundo os autores, a análise que propõem é mais económica do que as anteriores e mais exacta porque distingue, em função dos dados de variação apresentados, os diferentes tipos de palavras que com este tipo poderiam ser comparadas: palavras como *isqueiro*, *experiência*.

1.3 Hipóteses

Perante a descrição dos dados e a análise fonológica referidas acima, esta comunicação levanta a questão de o factor idade também poder influir na percentagem de uso das variantes fonéticas da estrutura em discussão. Variação

interlocutor com o mesmo perfil também será discutida, pontualmente. Para além disso, procura esclarecer melhor a análise anteriormente proposta.

Hipótese 1: Noutras faixas etárias o padrão de variação encontrado mantém-se, mas nas faixas etárias mais baixas as percentagens de formas sem vogal aumenta, enquanto que nas mais elevadas ela baixa.

Hipótese 2: Existe variação entre indivíduos com perfil idêntico.

Hipótese 3: Estes tipos de variação, embora de tipo diferente da variação entre línguas, também podem ser descritas usando a TO.

1.4 O modelo da TO e a questão da variação linguística

A análise fonológica proposta em A & R 1998 procura adoptar a teoria da optimidade na descrição dos dados da variação interna do português. Ao fazê-lo, adapta mecanismos definidos inicialmente para a descrição da diferenciação entre línguas. Como é comum neste género de abordagens, são utilizados princípios formulados independentemente noutros modelos teóricos e um elenco de candidatos para cada input. A diferença crucial desta teoria face à generalidade das teorias linguísticas anteriores é a de considerar que os princípios, aqui designados restrições, são violáveis. Essa propriedade permite que se faça a eleição do candidato óptimo em função do ranking de restrições, em vez de determinar a agramaticalidade de todos os candidatos que violassem qualquer uma das restrições.

A TO assume-se como um modelo que possibilita a descrição das relações que se estabelecem entre as restrições (nomeadamente, em situações de conflito) mais do que como um modelo que tenha por fim estabelecer os próprios princípios. Nessa medida seria aparentemente justificável usar a TO também em casos de conflito de restrições na mesma língua. Essa é a razão que motivou a utilização desse modelo em A e R 1998 e, também, no presente trabalho.

Fica implícito na análise feita em A & R 1998 que as formas com e sem vogal inicial que surgem nos dados estão incluídas no candidato óptimo (cf. quadro acima). Efectivamente assim acontece porque resultam da expressão ou não-expressão de um núcleo fonológico vazio. Não fica, no entanto, muito clara a relação entre os candidatos com vogal e sem vogal. Se separássemos as formas com vogal de VS.k .la (por exemplo, uma começada por 'i) das que não têm vogal (S.k .la), com o mesmo elenco de restrições usado em A & R 1998 e com a mesma hierarquia, encontraríamos o candidato óptimo e outro menos bom que, como os dados impõem, pode ser gramatical também.

Vejamos:

SK la	ONS-SON	CODA-COND	M-INT	DEP-IO	MAX-IO
SV.k .la			*	*	
SK .la	*				
iS.k .la				*	
⊗S.k .la					+

Esta análise levanta, no entanto, um problema relativamente à hierarquia das restrições aqui assumida. Efectivamente, o único candidato que devia ser permitido na língua, se as restrições fossem ordenadas como no quadro acima, era o último. A admissibilidade de mais do que um dos candidatos a output deve-se ao facto de DEP-IO e MAX-IO não deverem estar hierarquizadas entre si. Apesar de violar DEP-IO, o candidato com vogal é permitido na língua, como os dados demonstraram.

Os dois últimos candidatos deveriam excluir-se mutuamente, em consequência de diferentes ordenações de DEP-IO e MAX-IO. Se a ordem fosse a acima apresentada o último candidato era preferido, em detrimento do penúltimo. Caso a hierarquia fosse MAX-IO>>DEP-IO, aconteceria o contrário. No caso de um dos candidatos pertencer a um dialecto e o outro a outro dialecto, não havia nenhum problema, portanto, em considerar que era a diferente ordenação no ranking das restrições que provocava a selecção de um ou outro dos candidatos. Como já foi dito, no entanto, formas com e sem vogal existem nos dois dialectos em estudo e, portanto, a não hierarquização das duas restrições acima referidas é o que permite a coexistência dos dois candidatos.

2. Apresentação dos Dados

Na medida em que em A&R 1998 todos os factores contrastados se mostraram operantes, decidi tratar os dados de duas outras faixas etárias com base nos mesmos factores: tipo de discurso, sexo, escolaridade e dialecto.

Os dados que adiante são apresentados dizem respeito a informantes de Lisboa e de Braga e também fazem parte do CPE-VAR. Serão tidos em conta maioritariamente, neste contexto, dados relativos a DL. As duas faixas etárias aqui analisadas são as seguintes: idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos e idade superior a 55 anos. De modo a tornar comparáveis os resultados, serão analisados dados de indivíduos com instrução inferior ao 9º ano ou, alternativamente, tendo licenciatura, dos dois sexos e das duas cidades.

Na tentativa de perceber se o comportamento de alguns destes novos grupos de informantes é semelhante ao do escalão etário estudado anteriormente, no que respeita ao tipo de discurso, foram analisados os dados dos 3 tipos discursivos para todos os novos grupos de informantes de Braga. Os resultados são apresentados no Quadro II, a seguir⁴.

Quadro II - Frequência (com valores arredondados) de ocorrência de formas com e sem vogal na estrutura /# S\$C/ em posição átona em palavras do tipo de *escola*⁵.

L	BM 11			BF 11			BF 15			BF 35			BM 15			B M 35		
	INF	133	132	109	130	101	136	152	91	92	162	93	142	161	178	172	85	81
E		94	63	81	63	94	94		88		69	80	31		81	7	13	
I			31	13	31	6		93	6	100*	19	13	67	100*	13	80	81	94
T.	i	6	6		6		6	7	6		6	7	2		6	7	6	6
A	e			6														
L	...										6					6		
L		70			10	82	18		30	27	46	73	30		18	9	19	9
E	i	20	50	50*	90	10	73	100*	60	37	18	9	70	100*	73	91	81	91
I	i#		10															
T.	j#			50*		9				9								
T	#						9		10	9	9							
E	...	10	10							18	27	9			9			
X	...		20															
T	e		10															
O	j											9						

D	BM 11			BF 11			BF 15			BF 35			BM 15			BM 35		
I			16		36		49		65		47		67					
S	i		3		8						6							
C.	#		9		8		12		9		9		5					
	OO		54		36		27		9		38		13					
I	*OO		9		12		6		4				8					
N	j		9										2					
E	...						6		13				5					

A partir dos dados apresentados no quadro acima, é possível concluir quanto aos diferentes tipos de discurso, faixa etária, sexo e instrução o seguinte:

i) O padrão de variação encontrado na faixa etária 3 em Braga, também se encontra nas faixas etárias 1 e 5, no que toca às diferenças de **tipo de discurso**. Assim, de uma forma geral, os informantes que em LP apresentam formas com vogal na estrutura em análise, em LT, apresentam uma percentagem de ocorrência superior à da LP. O valor de formas com vogal é sempre mais baixo em DI, onde se registam algumas formas diferentes das encontradas em LP e LT. Portanto a hipótese I (secção I.3), relativa à manutenção do padrão de variação

relacionado com o tipo de discurso, é parcialmente confirmada pelos dados. Ou seja, as formas com vogal embora não exclusivas da leitura aparecem na leitura mais frequentemente do que na fala espontânea. É de notar que em LT todos os informantes produzem a variante com vogal [i] (chega em alguns casos aos 90%), ao passo que em LP e DI muitos nem a usam.

ii) Relativamente às diferenças entre as **faixas etárias**, verifica-se que entre indivíduos com a instrução mínima do sexo masculino, a faixa etária mais baixa usa menos [i] do que a mais alta em todos os tipos de discurso. Nas mulheres isso só é verdade em LP. Em LT e DI, o nº de [i] é superior nas mais jovens. Esta diferença pode dever-se a características circunstanciais das informantes de BF15 (nºs 152, 91 e 92): uma foi professora primária, outra viveu em Lisboa alguns anos e a terceira não leu todo o material). O efeito conjugado destes três factores parece ter influenciado decisivamente o fraco resultado de presença de [i] neste grupo de informantes.

iii) Na faixa etária mais baixa não existem claras diferenças de uso entre os dois sexos ao contrário do que se passa na faixa etária mais alta. Nesta última, os informantes dos dois sexos têm comportamentos distintos em função dos tipos de discurso:

- em LP, com a instrução mínima, os homens usam menos [i] do que as mulheres, mas com a licenciatura, pelo contrário, usam-no mais vezes do que elas;

- em LT, as mulheres, qualquer que seja a sua instrução, usam menos [i] do que os homens;

- em DI, as mulheres não usaram [i] e os homens só com instrução mínima usaram apenas 6% (contra mais de 70% em LT), o que mostra que a distinção se deve ao tipo de discurso e não tanto ao sexo. A instrução também tem influência, uma vez que os homens licenciados (tal como as mulheres da sua faixa etária) não usam [i].

iii) Relativamente à **instrução**, homens e mulheres apresentam comportamentos diferentes consoante o tipo de discurso:

- em LP e LT, as mulheres usam menos formas com [i] se forem licenciadas, ao passo que os homens revelam comportamento oposto;

- em DI, as mulheres não usam [i], mas usam mais [ə] se forem licenciadas do que se não forem. Os homens, em DI, só usam [i] se só tiverem a instrução mínima. Caso contrário, usam [ə].

Como foi comprovado que existem diferenças entre os tipos de discurso seguindo o mesmo padrão encontrado nos dados da faixa etária 3, decidi não apresentar a totalidade dos dados relativos a Lisboa das duas novas faixas etárias, por me parecer, para já, mais pertinente testar outros aspectos da variação.

Os dados que adiante refiro dizem respeito somente ao DI, na medida em que já houve estudo prévio dos outros tipos de discurso. No Quadro II foram apresentados os valores de ocorrência dos diferentes tipos de informante de

Braga. O Quadro III, que apresento de seguida, mostra os dados comparáveis relativos a Lisboa.

Quadro III - Frequência de ocorrência em DI de Lisboa (por grupo de informantes).

	LM11	LF11	LF15	LF35	LM15	LM35
ʃ	43	52	42	82	31	77
əʃ		2				6
ə#ʃ	7	3	4		13	
ʃ#OO	4	6	2	6	19	
OO	44	37	50	12	38	17
j#ʃ	2					
3			2			

O Quadro III mostra que os informantes de Lisboa das duas faixas etárias aqui consideradas não usaram em DI formas com vogal [i], à semelhança do que acontecera com os da faixa etária 3 estudada em A & R 1998.

Como se pode observar no Quadro II, podem existir claras diferenças entre os informantes de cada grupo. Por isso, o Quadro IV, mostra os dados de cada um dos informantes de B em pormenor, de modo a que se possa compreender melhor quais são as variantes usadas por cada indivíduo de entre todas as disponíveis. Tal percepção parece-me importante porque mostra, a meu ver, o que é que a gramática individual deve conter. O Quadro V mostra os dados equivalentes correspondentes a Lisboa.

Quadro IV - Frequência de ocorrência em DI de Braga (por informante).

	INF	BM 11			BF 11			BF 15			BF 35			BM 15			BM 35		
		133	132	109	130	101	136	152	91	92	162	93	142	161	178	172	85	84	
D																			
I	ʃ	15	9	29	31		50	18	72	50	60	69	67	27	62	67	60	68	
S	iʃ		8		15								17	5					
C.	ə#ʃ	15		14	15			18	14			16		4	23	11		4	
	OO	62	58	29	31	100*	30	37	14	38	20		16	64	15	11		16	
I	ʃ#OO	8		28	8		20	18			10							20	
N	iʃ		25														11		
F.	əʃ							9		12	10	15						20	

Quadro V - Frequência de ocorrência em DI de Lisboa (por informante).

		LM 11			LF 11			LF 15			LF 35		LM 15		LM 35	
		INF	58	11	10	1	2	5	67	50	77	38	65	12	68	43
D	j	53	47	25	28	80	56	37	50	41	82	83	14	5	90	62
I	i]															
S																
C.	ə#]			25			7	5		6				2		
	OO	35	53	42	62	13	30	53	50	47	18		72	1		38
I	j#OO	12			10		7	5				17	14	2		
N	3									6						
F.	j#]			8												
	ə]					7									10	

Vê-se no Quadro V que a generalidade dos informantes de L em DI só faz uso das variantes sem vogal. Apenas os informantes 2 e 43 usaram uma escassa percentagem de formas com [ə]. Estes dados são semelhantes aos encontrados para a faixa etária estudada em A & R 1998. Portanto em Lisboa, neste tipo de discurso, não se pode dizer que a idade tenha qualquer relação com a frequência de uso das formas com ou sem vogal. A variação entre informantes pertencentes ao mesmo grupo não é evidente, porque o nº de formas com vogal é escasso e isso seria o que mais importava comparar.

Já em B (Quadro IV), muitos dos informantes usam, para além da variante sem vogal inicial, formas com uma das vogais, [ə] ou [i]. Existem diferenças entre os indivíduos de cada grupo. Uns usam formas com e sem vogal, outros só sem vogal.

Os dados equivalentes da faixa etária 3 mostravam que havia nos diferentes grupos diferenças ligeiras na frequência de uso das formas com e sem vogal, sendo os homens menos instruídos de Braga os que mais usavam em DI as formas com vogal. Não admira portanto que também seja em BM15 que mais se encontra [i].

3. Conclusão

Os resultados das 3 faixas etárias intercaladas contrastadas neste trabalho permitem que se conclua, a meu ver, que:

i) Não se deve trabalhar apenas com dados de leitura na tentativa de compreender a fala espontânea, porque a qualidade das variantes e a frequência de ocorrência são demasiado diferentes.

ii) A leitura de texto, ainda que seja a única forma de ter para todos os informantes material idêntico, apresenta algumas vantagens face a LP por permitir encontrar as variantes da fala espontânea, mas os resultados da frequência das variantes são muito diferentes dos da fala. Assim pode concluir-se que também a leitura de texto não deve ser usada sem complemento da fala espontânea.

iii) A fala espontânea apresenta frequência de ocorrência das variantes por vezes muito baixas, o que pode impossibilitar a detecção de algumas variantes que são correntes nos outros tipos de discurso. Por isso também DI não deve ser tomado independentemente dos outros tipos de discurso, de ânimo leve.

iv) Existem diferenças significativas na frequência de ocorrência das variantes em função da faixa etária dos informantes que permitem confirmar a hipótese 1 (secção 1.3).

v) Existe variação fonológica intra e inter-locutor, variação essa que pode ser descrita em TO, com grande economia de meios, admitindo que mais do que um output pode ser gramatical no caso de não haver hierarquização de duas restrições cruciais para eliminação dos candidatos. Isto permite confirmar também as hipóteses 2 e 3.

Notas

1 ANDRADE, E. d' e RODRIGUES, C. 1998: Das Escolas e das Culturas: História de uma Sequência Consonântica, in *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga, 117-133.

2 Os dados aqui utilizados fazem parte de um *corpus* muito mais extenso que está em fase de estudo no âmbito do meu doutoramento (CPE-VAR), descrito em RODRIGUES, C. e ANDRADE, E. d' 1998, CPE-VAR Corpus de Português Europeu - Variação, in *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*, Braga, 627-629).

3 O mapeamento sintáctico-prosódico, por estar fora dos objectivos da minha tese, torna-se mais moroso a partir da base de dados em que os dados se encontram, porque ela foi concebida com fins diferentes desses.

4 Chamo a atenção para o facto de os valores dos dois tipos de leitura se apresentarem discriminados quanto ao nº de informante, ao contrário dos de DI (valores médios de frequência por grupo). Além disso, é de notar também que alguns valores não são comparáveis devido ao reduzido nº de ocorrências que se pode utilizar devido ao facto de alguns informantes não terem podido ler todo o material proposto (estes valores estão assinalados com um asterisco no Quadro II).

5 Sempre que não esteja marcada a fronteira de palavra, os segmentos só podem considerar-se da palavra-alvo. "OO" corresponde à ausência de produção de segmentos da 1ª sílaba (*estava* [ta've]).

Bibliografia

ANDRADE, A. 1996: "Reflexões sobre o 'E mudo' em Português Europeu", CIP, II, APL, Lisboa, 303-344.

ANDRADE, E. d' e MATEUS, M. H. M. 1996: "The Syllable Structure in Portuguese", *The Phonology of the World's Languages: The Syllable*, OUP-Pezenas.

ANDRADE, E. d' e RODRIGUES, C. 1998: "Das Escolas e das Culturas: História de uma Sequência Consonântica", in *Actas do XIV Encontro Nacional da APL-Avetro* (no prelo).

- COLINA, S. 1997: "Epenthesis and Deletion in Galician: an Optimality-theoretic Approach", in MARTÍNEZ-GIL, F. E. MORALES-FRONT, A. 1997: *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Georgetown Univ. Press, Washington, D.C.
- PRINCE, A. E. SMOLENSKY, P. 1993: *Optimality Theory*, Ms., Rutgers Univ. New Brunswick and Univ. of Colorado, Boulder.
- RODRIGUES, C. e ANDRADE, E. d' e 1998: "CPE-VAR Corpus de Português Europeu - Variação", in *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*, Braga. 627-629).